



ISSN: 2595-1661

ARTIGO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](#)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>

ISSN: 2595-1661

Revista JRG de
Estudos Acadêmicos

A importância da psicolinguística e sociolinguística nas trocas do cotidiano humano: linguagem, pensamento e cognição

The importance of psycholinguistics and sociolinguistics in everyday human interactions: language, thought and cognition

DOI: 10.55892/jrg.v9i20.3505

ARK: 57118/JRG.v9i20.3505

Recebido: 10/06/2026 | Aceito: 15/06/2026 | Publicado *on-line*: 16/06/2026

Izabel Rodrigues da Silva¹

<https://orcid.org/0009-0009-2835-3207>

Faculdade Brasília - FBR Santa Maria, DF, Brasil

E-mail: izabel21gustavo@gmail.com

George Felinto da Silva

<https://orcid.org/0009-0000-8578-4489>

<http://lattes.cnpq.br/4948563166300555>

Faculdade Brasília, DF, Brasil

E-mail: george.felinto@fbr.edu.br



Resumo

Este artigo surgiu da necessidade de apresentar descrições puramente sociolinguísticas, tão bem como a relevância dessa disciplina de caráter social, voltado ao ambiente escolar e abrangendo os aspectos de alunos e professores em suas práticas sociais, tendo em vista, que quando alunos chegam à escola já trazem consigo um saber prévio e uma boa variedade psicolinguística interacional e sociolinguística. Este artigo abordará as variações que devem ser aceitas em sala de aula nas interações do cotidiano humano. Trabalhará com o papel que a escola deve desenvolver competências sociolinguísticas e psicolinguísticas aos alunos e a competente participação do professor que está em constante formação continuada em relação a sociolinguística educacional que trata a questão de não permitir que os alunos tenham preconceito linguístico em sala de aula e que todas as variedades são aceitas, dependendo no momento em que a língua é utilizada em vários termos de: grupos sociais, sexo, etnias, idades e gêneros. Como autores tem-se algumas teorias apresentadas por Bortoni-Ricardo (2004) e Marcos Bagno (2006) Perine, Piaget (1947) e Vygotsky (1994) entre outros, que abordam questões voltadas à formação de professores de língua portuguesa, interação social, como os grupos sociais se relacionam com a língua e as suas variedades que são expostas oralmente no cotidiano destas pessoas.

Palavras-chave: Sociolinguística. Psicolinguística Interacional. Professor. Aluno. Preconceito Linguístico. Variações. Grupos sociais.



Abstract

This article arose from the need to present purely sociolinguistic descriptions, as well as to highlight the relevance of this socially oriented discipline within the school environment, encompassing aspects related to both students and teachers in their social practices. It considers that when students arrive at school, they already bring prior knowledge along with a rich range of psycholinguistic, interactional, and sociolinguistic experiences. This article addresses the linguistic variations that should be accepted in the classroom as part of everyday human interaction. It also examines the role of the school in developing students' sociolinguistic and psycholinguistic competencies, as well as the essential participation of the teacher, who is engaged in continuous professional development in educational sociolinguistics. This field emphasizes the importance of preventing linguistic prejudice in the classroom and recognizes that all language varieties are valid, depending on the context in which language is used, including factors such as social groups, gender, ethnicity, age, and discourse genres. The theoretical framework is based on contributions from authors such as Bortoni-Ricardo (2004), Marcos Bagno (2006), Perini, Piaget (1947), and Vygotsky (1994), among others, who discuss issues related to the education of Portuguese language teachers, social interaction, and how social groups relate to language and its varieties as expressed in everyday oral communication.

Keywords: Sociolinguistics; Interactional Psycholinguistics; Teacher; Student; Linguistic Prejudice; Variations; Social Groups.

1 INTRODUÇÃO

Uma das grandes dificuldades hoje aos educadores é aproximar-se mais do grande contexto de seus alunos e aprender, a aprender suas ideais em relação ao que eles têm absorvido das aulas de língua portuguesa e a interação que essas aulas trazem aos grupos sociais, sendo os alunos de uma forma geral. Sabe-se que a língua é uma forma de bem totalmente cultural e que desempenha papel crucial nas manifestações e experiências nas diferentes circunstâncias no cotidiano de casa pessoa.

Os adultos, crianças, jovens ou adolescentes ao chegarem na escola já trazem consigo uma gama de léxico que por sua vez pode ser ricamente aproveitado, pois as suas variantes e variedades linguísticas lhe capacitam a comunicação e inteligibilidade de forma direta, coerente e coesa, pois há a gramática internalizada que o ser humano consegue por si só produzir inúmeras sentenças bem organizadas.

Nesta perspectiva a sociolinguística e a psicolinguística tem ajudado muito para a formação das pessoas: alunos e professores especialmente e tem mostrado veementemente que as práticas sociais de fala e os grupos sociais têm feito uso contínuo de traços orais de marcas: rurais, urbanas ou rurbanas que evidenciam o que o nosso país tem de mais rico a língua portuguesa aqui em foco.

As salas de aula com alunos que são provenientes de mais diferentes comunidades de fala e também alunos que têm raízes sociolinguísticas bem marcantes que permeiam a sociedade como a brasileira mostram e dá ênfase as mais diversas possibilidades de falares que são e por sua vez devem ser aceitos e não tidos como forma errada, neste sentido a dialetologia e os aspectos de grupos, etnias, raças e dialetos diferentes devem ser aceitos para entendemos melhor com mais autonomia sociolinguística que a língua(gem) é variável e se constitui de um fenômeno social. Neste sentido faz-se aqui também uma reflexão de como o professor poderá propiciar ao aluno um ambiente mais agradável de aprendizagem focando nas relações sociais e linguístico-comunicativas.



1-A psicolinguística e o Espaço Escolar.

Os alunos e professores de uma forma geral devem entender a língua como um fator social e de coletividade e não como somente gramatical ou focado no que é puramente regras e simplesmente algo que é utilizado como norma padrão. Os alunos devem sim compreender que a sua realidade de língua funciona como um fenômeno social, ou seja, interação, de grupos diferentes, que têm características sociolinguísticas diferenciadas das mais possíveis e vistas na sociedade hoje.

Segundo Bagno (2002, p.32), “O papel do linguista é descrever a língua em suas múltiplas manifestações e oferecer hipóteses e teorias consistentes para explicar os fenômenos linguísticos, de modo que os educadores possam se servir dessas descrições para empreender uma prática pedagógica que leve em conta a pluralidade de realizações empírica da língua”.

De acordo com esse autor e pensamento temos que ter uma sociedade que valorize as mais diversas formas de falares que são importantes e oferecem pluralidade e múltiplas maneiras, que quebra exatamente a ideia de ensinar e aprender somente o padrão em sala de aula ou somente, o que chamamos de gramática tradicional.

Então, com estas visões acredita-se que o papel da escola e do professor no seu lócus escolar sociolinguístico é tentar mostrar, propor aos alunos uma ótima e melhor visão sobre o funcionamento da língua, sem prejudicar os aspectos gramaticais, sim de uma maneira que entenda a relação dos grupos sociais, internalizar as variedades possíveis e que não existe apenas uma forma correta de falar.

De acordo com a Sociolinguista Stella Maris Bortoni Ricardo em sua obra intitulada: “Educação em Língua Materna- A Sociolinguística em Sala de Aula (2004, p.33 e 34) diz que: “Em toda comunidade de fala onde vivem falantes de diversas variedades regionais, como é o caso das grandes metrópoles brasileiras, os falantes que são detentores de maior poder – e por isso gozam de mais prestígio- transferem esse prestígio á variedade linguística que falam. Assim, as variedades faladas pelos grupos de maior poder político passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas”. Para essa autora mesmo que existam grupos que possuem maior poder político ou social, não significa que serão ricamente linguisticamente ou sociolinguisticamente ricos em relação ao modo de falar, porque o prestígio que eles adquirem é mero resultados de características políticas e econômicas.

De acordo com as visões de Bortoni-Ricardo (2004,p.35) ainda explica em sua obra Educação em Língua Materna:

Quando um falar, isto é um dialeto ou variedade regional, é alcançado á condição de língua nacional em virtude de um processo sócio-histórico, ele adquire maior prestígio em detrimento dos demais. Lembre-se, porém, de que esses juízos de valor são ideologicamente motivados e geram preconceitos que devemos evitar.

Neste sentido a autora dá ênfase as mais possíveis formas de falar, e que não existe forma mais ou menos prestigiada e nem se pode considerar melhor forma de falar, porque deve-se evitar para não gerar um tipo de preconceito linguístico na sociedade.

No âmbito escolar deve-se estudar quão rico são as diferentes formas de manifestação de oralidade, observando também o aspecto sociológico, o homem em suas interações e conversas, ou seja, a força social que as palavras desempenham em grupos e no meio escolar e nas relações entre os seres humanos.



O linguista americano Ralph Fasold (1990, apud. Calvet p.122) publicou duas obras concebidas como complementares e com títulos bem significativos: “The Sociolinguistics of Society e Sociolinguistics of Language” e no livro ele apontou:

Uma das subdivisões toma a sociedade como ponto de partida e a língua como problema social e como corpus, a outra grande divisão parte da língua, e as forças sociais são consideradas como influenciado a língua e como contribuindo para uma compreensão de sua natureza

Neste pensamento o autor falou sobre as forças que os grupos sociais desempenham em diferentes contextos e ambitos, sendo assim passa-se a entender melhor a natureza, de forma ampla em relação a força social e os grupos praticando e fazendo o uso das mais diversas variações da linguagem, daí nesta vertente entende-se melhor o uso da linguagem.

2-A importância dos alunos na relação escola e Sociolinguística numa visão psicolinguística

Os alunos trazem consigo para sala de aula uma vasta experiência linguística, porque eles convivem em mais diversas comunidades de fala e experimental vários espaços onde há variedades de falares, o que é normalmente muito bom.

Na escola os alunos, por exemplo, de ensino fundamental ou médio têm acesso á seus livros didáticos que por sua vez mostram a pluralidade de línguas existentes no Brasil com várias palavras que incorporadas ao nosso português fazem com que os discentes falem na escola são algumas delas:

- Hobbie;
- Skate;
- Rock;
- Pop;
- Heavy metal;
- Cd room;
- Hippie;
- Xangô;
- Outdoors;
- Carpe diem;
- Néon;
- Shows;

Com estas palavras aqui apresentadas observa-se a presença da pluralidade de formas diferentes que os alunos e nós professores utilizamos em sala de aula e há interação com os alunos, pois mostra que a língua portuguesa sofre e sofreu influencias de várias outras línguas como por exemplo o italiano, africano, francês, inglês entre outras.

Os grupos sociais como por exemplo jovens e adultos tendem a usar muito as palavras mencionadas acima em idades variadas podendo ser entre 18 a 25 anos, por exemplo na escola, em casa, nas relações sociais e em vários outros contextos em que as pessoas se relacionam, também fazem o uso de outras palavras.



Promover uma sala de aula e alunos que sejam competentemente bons falantes requer um trabalho árduo e muito incessante por parte dos docentes. Bortoni-Ricardo explica que:

A escola é, por excelência, o lócus- ou espaço em que os educandos vão adquirir, de forma sistemática, recursos comunicativos que lhes permitam desempenhar-se competentemente em práticas sociais especializadas. (BORTONI-RICARDO,2004. p.75).”

Neste pensamento Bortoni- Ricardo (2004), explana acerca das funções da escola e o que ela proporciona ao aluno em relação á sua competência comunicativa, ou seja, nas habilidades que os alunos têm de se comunicar com competência, pois é na escola e no ambiente de aquisição de conhecimento que se permite desenvolver as mais diferentes formas de fala, expressão e pensamento em foco.

A professora Doutora. Stella Maris Bortoni, ainda diz mais em suas teorias sociolinguísticas sobre a função que a sociolinguística exerce nas práticas docentes e de aprendizes de língua materna:

Promover o debate acerca dos postulados da sociolinguística ensina a reflexão sobre as praticas docentes e contribui para o ensino da língua materna menos permeado de preconceito. Acredita-se que um ensino de língua que se fundamente em uma pedagogia culturalmente sensível, diminuirá a distância entre o professor e o aluno e favorecerá a construção do conhecimento que deve acontecer mutuamente (BORTONI-RICARDO,2005 p. 38).

Para essa autora estudar e ver os resultados da sociolinguística na sala de aula, ou seja, nas diversas práticas docentes no ensino da língua materna, e sem ser cheio discurso preconceituosos no que tange a relação entre aluno-professor e vice versa. A partir disso se faz a necessidade de ser sensível também para que os alunos não tenham bloqueios na aprendizagem da língua materna.

O principio norteador deste trabalho ainda aponto que Bortoni-Ricardo (2005, p.118) aponta em seus estudos sobre educação em língua materna e sociolinguística que:

Uma pedagogia culturalmente sensível é um tipo de esforço especial empreendido pela escola, a fim de reduzir os problemas de comunicação entre professores e alunos, de desenvolver a confiança e impedir a gênese do conflito que se move rapidamente para além das dificuldades de comunicação, transformando-se em lutas amargas de trocas de identidade entre alguns alunos e professores.

O objetivo maior de um bom professor na relação que abrange o lócus escolar deve ser: promover um âmbito que foque na comunicação sem julgamentos de certo ou errado, ou que, por sua vez não produza nos discentes medos, no que tange a aprendizagem deles. O professor deve criar, proporcionar um espaço interacional que não seja permeado de preconceito linguístico.

3. A Sociolinguística Educacional: Uma ciência positiva para professores e alunos na comunicação sem preconceitos.

A autora Stella Maris (2005, p.128) explica que a sociolinguística educacional está atrelada a todas as propostas e pesquisas sociolinguísticas que tenham como objetivo contribuir para o aperfeiçoamento do processo educacional, principalmente no ensino de língua materna, com promoção de não ter preconceito linguístico para alunos e professores.



O que é importante neste sentido para a autora é que deve-se sempre ter uma melhora no que se relaciona com o ambiente escolar onde os professores e alunos estão em constante troca de conhecimentos e que esses conhecimentos sejam sociolinguisticamente positivos ao conhecimento dos mesmos.

Acerca da sociolinguística na escola como uma ciência jovem e que promove um alto nível de comunicação no espaço escolar, também afirmou vários aspectos em que a sociolinguística pode e deve ajudar professores e alunos no momento de comunicação ele aponta que:

Quando o professor e o aluno interagem, o discurso de sala de aula deixa de ser unilateral e passa a ser bilateral. Trata-se de um discurso e que aluno e professor são sujeitos de um conhecimento que parte da co-negociação para a estruturação do discurso. Essa visão de discurso educacional “tira” a supremacia e a superioridade do professor, faz com que o aluno deixe de ter um papel passivo em sala de aula e passe a ser ativo nesse processo. Nesse sentido não há um detentor do saber, mas sim uma troca de saberes que ocorre na ratificação das ideias do aluno, a partir da participação democrática do professor (SILVA 2002, in DINO PRETI, 2002 p.58).

Para este autor, é bem marcante e sociolinguisticamente positivo suas ideias, porque apontam para as questões em termos de educação, comunicação sem preconceitos e melhor ainda quando diz que o professor e o aluno podem sim produzir um conhecimento juntos em suas trocas sociais de palavras, expressões e que a comunicação passa a ser como se fosse uma troca de saberes e não somente o professor como ativo e alunos como passivos, isso tira a supremacia na estruturação do discurso.

Para Sociolinguística Educacional de acordo com as ideias de BORTONI-RICARDO (2005) ainda apontou que a Sociolinguística Educacional trabalha com alguns princípios norteadores no que tange a sala de aula e o professor em foco são eles:

- A influência da escola na aquisição da língua não deve ser procurada no dialeto vernáculo dos falantes, mas sim em seus estilos formais monitorados;
- O caráter sociossimbólico das regras variáveis que não estão associados á avaliação negativa pela sociedade não são objeto de estudo na escola;
- Inserção da variação sociolinguística na matriz social;
- Os estilos monitorados da língua são reservados á realização de eventos de letramento em sala de aula;
- A descrição da Sociolinguística educacional não pode ser dissociada da análise etnográfica do uso da variação em sala de aula;
- O processo de conscientização crítica dos professores e alunos quanto á variação e á desigualdade social que ela reflete. (BORTONI-RICARDO, 2005 apud. Cobucci p.60-61)

Neste pensamento para as autoras citadas acima deste estudo o professor deve transmitir informações aos seus alunos de forma que tenha e crie valores sociais em relação á sociolinguística educacional. Para a autora o professor quase sempre deve ser um promotor de uma pedagogia sensível e acolhedora de variações possíveis e não deve ter como prestígio a discriminação nos falares de crianças principalmente nas séries iniciais de escolarização ou qualquer outro nível escolar, tão bem quanto a sociedade não pode inferiorizar o aluno, ele deve ter acesso a essas variações sociolinguísticas ser exposto e experimentar o que não levará a perda gramatical é claro.



4-A escola e a sala de aula como agente e suporte nas variações linguísticas e psicolinguísticas

Como base norteadora na concepção que a língua dever ser ensinada numa perspectiva de um continuum ao longo do qual se distribuam ambas as modalidades. De acordo com os PCNs (1997) apontam e traçam os seguintes objetivos:

1-Expandir o uso da linguagem em instâncias privadas e utilizá-las com eficácia em instancias públicas, sabendo assumir a palavra e produzir textos tanto orais como escritos, coerentes , coesos, adequados a seus destinatários, aos objetivos a que se propõem e aos assuntos tratados .

2-Utilizar diferentes registros, inclusive os mais formais da variedade linguística valorizada socialmente, sabendo adequá-los ás circunstâncias da situação comunicativa de que participam.

3-Conhecer e respeitar as diferentes variedades linguísticas do português falado

4-Compreender textos orais e escritos com os quais se defrontam em diferentes situações de participação social, interpretando-os corretamente e inferindo as intenções de quem os produz (p.41-42 , PCNs).

Com base neste pensamento sabe-se que a escola dever ter o foco em levar ao aluno ás mais possíveis formas de falares existentes e acolher, receber e dar espaço ao conhecimento prévio que os alunos trazem consigo para sala de aula com muitas variações linguísticas, promovendo um *locus* em que os alunos possam expandir sua competência comunicativa de uma maneira autônoma.

A escola deverá vencer obstáculos que venham diminuir ou exterminar se possível o uso somente do português totalmente padronizado. Pode-se afirmar que a escola tem o papel fundamental no processo de educação em língua materna, só que devemos nos lembrar que as mais diferentes comunidades de fala têm em si um repertório linguístico altamente poderoso para que haja comunicação entre os grupos sociais, pessoas, entre outros que fazem o uso da língua(gem) como forma de expressão oral.

A sala de aula por sua vez deve ser o espaço para a oralidade e para o desenvolvimento sociolinguístico, cognitivo e de novos brasileiros que falam a língua portuguesa e que essa língua contribua de forma significativa para o âmbito escolar .

Há uma gama de variedades que devem ser adotadas em muitas escolas, pelo menos é isso que aponta os PCNs (1997) se em boa parte das escolas por exemplo for mostrado aos alunos algumas tirinhas de Chico Bento, pode-se ter uma vasta experiência, com os alunos, porque eles irão perceber a força da sociolinguística no meio em que vivem e que não existe apenas uma forma correta de falar.

Marcos Bagno(2002, p.8) apontou alguns pensamentos sobre a sociolinguística em sala de aula, e ele afirma:

A sociolinguística nos ensina que onde há variação linguística sempre há avaliação social. Numa sociedade profundamente hierarquizada, como a nossa, todos os valores culturais e simbólicos que nela circulam também estão dispostos em categorias de prestígio, ou não. Entre esses valores culturais e simbólicos, está a língua certamente o mais importante deles. Podemos então dizer isso, de acordo com Bagno.

Para este autor a sociolinguística desempenha e ensina um espírito de variação linguística onde em uma sociedade como a brasileira, por exemplo, tende a valorizar também um pouco de variação linguística muito embora a hierarquização esteja presente.



Com isso o autor tenta discutir sobre os impactos positivos da sociolinguística e como tais impactos são enfrentados em sala de aula pelos professores e alunos. A sociolinguística vem cada vez mais com a função e ferramenta de ensino em que pode-se dizer também que focamos em algumas características, que são elas:

- Comunidades de fala diferentes;
- Oralidade em foco;
- A experiência de mundo do ser falante;
- Valores sociais e culturais;
- Confiança e alegria ao se usar a língua e não bloqueia na comunicação;
- Linguagem como poder para compreensão de mundo;
- Formação continuada de docentes;
- Vasta possibilidade de competência comunicativa;
- Oralidade e letramento;

Ainda às óticas de Bagno (2006) ,discorre sobre o ambiente escolar e a variação linguística e salienta que “Uma das tarefas do ensino da língua na escola, seria , portanto, discutir criticamente os valores sociais atribuídos a cada variante linguística, chamando a atenção para a carga de discriminação que pesa sobre determinados usos da língua, de modo a conscientizar o aluno de que sua produção linguística, está sempre sujeita a uma avaliação social, positiva ou negativa”. Neste sentido o autor é bem direto e sucinto no que resgata os valores sociolinguísticos e sociais do uso da língua num aspecto de avaliar o que se fala, onde se fala e com quem se fala.

Como docentes, Bagno (2006) ainda explana com louvor sobre o que realmente ele precisa trazer para sua sala de aula para enriquecer o vocabulário dos alunos. Ele afirma que os professores precisam conhecer a realidade social de seus alunos e que o mesmo também precisa de conhecimentos sociolinguísticos para proceder a um tipo de análise dos fenômenos da variação e mudança linguística em sala de aula. Então ele apontou:

O profissional da educação tem que saber reconhecer os fenômenos linguísticos que ocorrem em sala de aula, reconhecer o perfil sociolinguístico de seus alunos para, junto com eles, empreender uma educação em língua materna que leve em conta o grande saber linguístico prévio dos aprendizes e que possibilite a ampliação incessante do seu repertório verbal e de sua competência comunicativa, na construção de relações sociais permeadas pela linguagem cada vez mais democráticas e não discriminadoras (BAGNO,2006,p.8).

Nota-se que para o autor a escola não pode ignorar as formas diferentes de falar, o educador competente é aquele de permeia linguagem do tipo variável no que tange o aspecto da competência comunicativa, e outra característica importante e salientada pelo autor é que temos mais é a aprender com os alunos a quem lidamos no cotidiano escolar.

Essas frequentes questões sempre voltam-se aos alunos e professores de uma forma geral no lócus sociolinguístico, são métodos, teorias, aplicações bem notáveis em vista a formação de vários professores em relação a formação dos alunos em língua materna. Com isso cria-se um melhoramento de forma que educadores e educandos tenham perfil de comunicação e de oralidade bem mais aguçados e de compreensão de mundo.



CONCLUSÃO

A sociolinguística em sala de aula é muito importante, porque evidencia o quão vasta é a busca por novas formas de fala, pois se não houver isso em sala será praticamente impossível comunicar-se de uma forma mais tranquila, ninguém se monitora cem por cento durante o dia todo, mas sim faz o uso das mais diferentes formas de variação linguística. Neste sentido é que a sociolinguística sempre trata de aspectos interacionais e mais ainda as questões de comunidades de fala e o como os falantes fazem o uso das mais possíveis formas de comunicação em sala de aula.

Observou-se aqui também neste trabalho que o professor e o aluno devem sempre aceitar as diferentes formas de falar, pois se assim o fizerem não haverá nenhuma forma de preconceito linguístico, o que traz muitos benefícios como por exemplo maior interação social, maior poder de crítica sobre o mundo e o lócus em que se vive.

A criança, jovem, adulto ou qualquer pessoa que venha aprender o português tem que aprender a “aprender” de forma não totalmente padronizada, mas sim perceber o que os grupos praticam, falam e o que for de bom proveito no aspecto da linguagem e comunicação fazer por meio de puxar isso para sua vida.

O papel da escola é de um ambiente facilitador para que haja competência comunicativa e não gramaticalização total pelas pessoas e falantes em geral. A sociedade precisa de vários recursos para se comunicarem, na maioria dos quais, dentre os quais pode-se citar o léxico mais usados pelas pessoas de mais diversos saberes.

Sendo assim a sociolinguística poderá ajudar e capacitar a cada dia mais e mais o professor educador e os alunos para transformação de conhecimento em prática de oralidade e letramento e que o professor seja sensível e mais promotor de oralidade e gramática não julgando a variação como fator que impeça a comunicação, mas sim como uma pedagogia que transmita cultura e evolução do ser humano sem regras na fala.

Sendo de suma importância ressaltar que num discurso a comunicação precisa ser compreendida, no entanto para que ela seja eficaz é necessário que o falante possua um vasto leque de recursos comunicativos, sejam gramaticais, linguísticos. Por isso, cabe ao professor não somente conscientizar sobre as variedades linguísticas, mas também de ampliar a competência comunicativa do aluno.

É importante que o aluno entenda que falar variedades não é errado, mas que ele tenha um aparato de recursos linguísticos, para adequá-lo ao seu discurso, formal e informal. A tarefa do professor de português vai muito além de escrever normas e regras gramaticais num quadro, pois dessa forma estaria perpetuando uma falsa ideologia de quem sabe gramática, sabe falar português corretamente, e quem não a sabe ou usa variações não sabe falar ou escrever corretamente.



REFERÊNCIAS

- Bagno, Marcos; GAGNÉ, Gilles, Michael. **Língua Materna :Variação e ensino**. São Paulo: Parábola,2002.
- Bagno, Marcos, **Nada na língua é por acaso; Ciência e senso comum na educação em língua materna**. Presença Pedagógica, Belo Horizonte, 2006
- Bortoni-Ricardo, Stella Maris. Educação **em língua materna. A sociolinguística em sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.
- Bortoni-Ricardo,Stella Maris .**Nós cheguemu na escola, e agora. Sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2005.
- Calvet, Louis- Jean. **Sociolinguística uma introdução crítica**;tradução Marcos Marcionilo.- São Paulo;Parábola, 2002.
- Dino, Preti- in : **Oralidade e Letramento**,2002. Retirado de um artigo de Sociolinguística e Educação em Língua Materna.
- PCNs- **Parâmetros Curriculares Nacionais –Língua Portuguesa ano de 1997. (Páginas 41/42)**.